



# É DO CORAÇÃO HUMANO QUE BROTA A PAZ

Pedro Vaz Patto

**N**ão será difícil encontrar pontos de consonância entre duas ocorrências recentes que merecem destaque.

Uma delas é a comemoração, ocorrida em novembro, do vigésimo aniversário da atribuição a Chiara Lubich (fundadora do Movimento dos Focolares) do Prémio UNESCO da Educação para a Paz.

Afirmou, a propósito, Maria Voce, atual presidente do Movimento, que os frutos da experiência que este vive um pouco por todo o mundo, levam a concluir que ao «extremismo da violência», a que hoje assistimos, há que opor o «extremismo do diálogo». Este traduz-se num empenho que reclama o maior envolvimento pessoal e comunitário, é arriscado, exigente, desafiante. Implica pôr em prática a «arte de amar», de que Chiara falou várias vezes. Parte da consciência de que a unidade da família humana corresponde ao desígnio de Deus, uma unidade que não elimina a riqueza da pluralidade. Outra, é a publicação da tradicional mensagem do Papa para o Dia Mundial da Paz (este ano com o título: *A não-violência: estilo de uma política para a paz*).

Salienta esta mensagem que a violência não permite alcançar objetivos de valor duradouro, que responder à violência com a violência desencadeia uma espiral de morte infundável, a qual beneficia apenas poucos “senhores da guerra”. Há, então, que procurar resolver as controvérsias pelas vias da razão, das negociações baseadas no direito, na justiça e na equidade. A não-violência deve tornar-se o estilo característico dos relacionamentos e da ação política. O amor ao inimigo constitui a «magna carta da não-violência cristã», que consiste em res-

ponder ao mal com o bem, invertendo dessa forma a espiral de represálias.

A não-violência, assim entendida, não se confunde com a rendição ou a passividade; pelo contrário, é ativa e criativa e exige o máximo empenho e coragem. Um empenho que é eficaz na luta pela justiça, como o mostram os exemplos de Gandhi, Luther King, Teresa de Calcutá ou João Paulo II.

A origem da violência reside no coração humano. E também é desse coração que há de brotar a paz. Por isso, a família tem um papel determinante. Aí, os conflitos são superados com o diálogo, o respeito, a busca do bem do outro, a misericórdia e o perdão. A partir da família, a alegria do amor propaga-se pelo mundo, irradiando para toda a sociedade.

Que a paz brota do mais fundo da pessoa e que se constrói de uma forma empenhada, ativa e criativa – são duas ideias que se podem tirar destas duas ocorrências e mensagens.

Não deixa de ser oportuno falar de paz num país que já tem sido qualificado como dos mais pacíficos do mundo (um benefício que não é só para o turismo e que nem sempre valorizamos devidamente). Não podemos ser indiferentes ao que se passa noutras paragens. E é, por isso, nosso dever acolher quem foge de cenários de guerra (como são muitos dos refugiados que chegam à Europa).

Mas o «extremismo do diálogo», de que falou Maria Voce, e a «não-violência como estilo de vida e de ação política», de que falou o Papa Francisco, são oportunos não apenas em cenários de guerra declarada. São-no também em qualquer situação de conflito. Porque é do coração humano que pode brotar a paz. ●